

SEGUNDA RESIDÊNCIA: REPRESENTAÇÃO DE UM ESTILO DE VIDA E DE LAZER

Ana Lucia Hazin*

Introdução

A violência que campeia em muitas cidades brasileiras tem levado o cidadão, economicamente estável, a se deslocar, nos finais de semana e feriados, em direção a um espaço que lhes permita ter uma qualidade de vida que gostaria que fizesse parte do seu dia-a-dia. Esse é o caso das pessoas que adquiriram uma segunda residência em Gravatá, município situado no agreste pernambucano. Para elas, os centros urbanos nos dias atuais não oferecem uma ambiência favorável ao lazer e ao convívio com a família e com os amigos. A posição que ocupam no espaço social, no entanto, lhes permite fazer

opções que se mostram mais adequadas ao estilo de vida que almejam desfrutar: no caso específico da segunda residência em Gravatá, as pessoas mudam a rotina e passam a ter algo mais que lhes traz satisfação e realização pessoal. O fato de possuir um imóvel que lhes permite relaxar, ter tranquilidade, reunir a família, indica um estilo de vida que, em geral, já não é permitido nos centros urbanos, nem é acessível a todos.

Para Giddens (2002), o estilo de vida é fruto de escolhas que têm um sentido. Elas são exigência e consequência da modernidade que oferece ao indivíduo uma enorme vari-

* Pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco e Professora da Universidade Católica de Pernambuco. Doutora em Sociologia pela Ufpe.

idade de opções diante das quais ele deve se posicionar. Tais escolhas influenciam não só a forma de agir, mas também de ser. “Ter um estilo de vida significa possuir um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça [...] porque dá forma material a uma narrativa particular de auto-identidade” (ibidem), dando um indicativo de quem ele é.

O estilo de vida, importante conceito abordado neste trabalho, também é desenvolvido a partir da teoria elaborada por Bourdieu juntamente com os conceitos de gosto, *habitus* e dos diferentes tipos de capital.

Em “*La distinction: critique sociale du jugement*”, Bourdieu (1979/2002, p. 59) afirma que “o gosto está no princípio de tudo o que se tem – pessoas e coisas – e de tudo o que se é para os outros, daquilo pelo qual se é classificado ou se classifica”. Ele é definido como uma propensão e uma atitude de apropriação (material e/ou simbólica) de uma classe determinada de objetos ou das práticas classificadas e classificantes, ou seja, o gosto é também uma prática que permite ao indivíduo perceber seu lugar e o lugar dos outros na ordem social. É ainda considerado como o princípio do estilo de vida que se traduz em um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem na lógica específica de cada subespaço simbólico – móveis, roupas, linguagem ou *hexis* corporal – a mesma intenção expressiva. Para Bourdieu, o gosto une e separa; sendo produto de condições associadas a uma classe particular de condições de existência, congrega todos aqueles que são produto de condições semelhantes.

Por isso, na teoria bourdieusiana, o verdadeiro princípio das diferenças que se observa no domínio do consumo está na oposição entre gosto de luxo (ou de liberdade) e gosto de necessidade. O primeiro, é próprio dos indivíduos que são o produto de condições materiais de existência que se caracterizam pelo distanciamento de uma situação de necessidade, pela liberdade, ou pelas facilidades asseguradas pela posse de um capital; o segundo tipo de gosto, exprime as necessidades viven-

ciadas pelos indivíduos. O que significa dizer que “o gosto de necessidade leva a um estilo de vida que só pode ser definido pela relação de privação que mantém em relação a outros estilos de vida, sendo claramente perceptível nos padrões de consumo da classe de menor poder aquisitivo, refletindo-se, inclusive, no uso do seu tempo livre” (BOURDIEU, 1979/2002, p. 200).

O autor enfatiza ainda que os gostos dos agentes, seus esquemas de percepção e de apreciação variam de acordo com o *habitus* enunciado por Pierre Bourdieu como

sistema de disposições duradouras e transponíveis, estruturas estruturadas dispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’, sem ser em nada o produto da obediência a regras e sendo tudo isso, coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um maestro (BOURDIEU, apud INDA, 2001, p. 25).

Por sua vez, são as condições de existência que condicionam *habitus* diferentes que geram distintas práticas e percepções – gostos – que têm como resultados estilos de vida peculiares. De posse de um excedente de capital econômico e, influenciadas, também, pelos demais tipos de capital de que fala Pierre Bourdieu, principalmente o capital social e o capital escolar, as pessoas criam estratégias que permitem suprir as necessidades de segurança, convívio e lazer. Busca-se, então, um espaço aconchegante, tranquilo, longe da selva de pedra e mais próximo da natureza: esse é o lugar escolhido para a segunda residência. Na teoria de Bourdieu, a diferenciação é um princípio de estruturação da sociedade uma vez que as percepções, os gostos, os interesses e preferências dependem, em certa medida, da posição que se ocupa na hierarquia social.

Verifica-se que existe em Gravatá uma diferença presente na ocupação dos espaços físicos que se relaciona com as divisões e distinções no espaço social. As práticas de lazer

Segunda residência: representação de um estilo de vida e de lazer

Ana Lucia Hazin

que ali se desenvolvem, configuram novas formas de estilo de vida e de sociabilidade que puderam ser conhecidas através de um estudo sobre a representação de lazer dos proprietários de segunda residência¹. Foi possível constatar, nas suas falas, a atuação do *habitus* produzindo práticas diferenciadas e diferenciadoras, que são percebidas por todos aqueles que possuem o “código”² e, portanto, os esquemas classificatórios de que se precisa para entender que “o gosto”, ou o “bom gosto” está objetivamente referido a uma condição social.

A segunda residência transfigurada em capital simbólico

A posse de uma segunda residência para lazer, certamente, pode ser interpretada como capital simbólico, ou conversão de capital econômico e capital social em capital simbólico, uma vez que dá visibilidade e reconhecimento social para o proprietário e sua família. Ao se transformar em capital simbólico, a segunda residência cria ainda outros sentidos que se mostram significativos para os agentes, como o “lugar da família”, “dos amigos”, do fortalecimento de laços. É lá que é possível ter um convívio pleno, desfrutado no tempo livre que se dispõe para se deslocar do meio urbano – local onde a vida é tensa e agitada – para Gravatá, onde se permanece durante alguns dias da semana e cuja ambiência favorece o estabelecimento de relações mais intensas entre as pessoas que se gostam.

A casa em Gravatá gerou em alguns dos seus proprietários, percepções diferentes e sensações renovadas em relação ao tempo livre, sobretudo nos finais de semana:

Os fins de semana que eu odiava, passaram a ser esperados com ansiedade (entrevistada n.º 3)

[...] o problema de eu voltar, na segunda, ao Recife, é ver minha filha entristecida, chorando, porque vai voltar; meu marido desce a serra sem dar uma palavra, porque está contrariado, porque está voltando [...]. Então, há uma insatisfação por se deixar esse momento de lazer. Então a gente diz: “vamos logo fazer a

programação da semana que vem”. A gente agora está fazendo como vendedor, que deixa sempre uma coisinha pendente pra poder voltar. Então a gente tá fazendo isso agora [...] pra ter no subconsciente a certeza que vai voltar (entrevistada n.º. 45).

É possível depreender que a posse de uma segunda residência em Gravatá deu novo sentido à vida das pessoas. Com o intuito de esclarecer melhor o que se afirma é que se faz apelo, neste texto – ainda que *en passant* – a Jovchelovitch (1998).

O ato significativo é um ato de construção de um sentido que alguém dá a alguma coisa. Pelo fato de o simbólico não coincidir plenamente com o objeto e jamais o esgotar completamente, decorre daí que, o simbólico é uma representação do objeto. (Conforme, JOVCHELOVITCH, 1998, p. 76). Portanto,

Representações são construções sempre ligadas a um lugar a partir do qual sujeitos representam, estando, portanto, intimamente determinadas por identidades, interesses e lugares sociais. Nessa medida, elas representam uma forma particular de construção do objeto e estão constantemente em relação com outras representações que representam outros sujeitos e outros lugares sociais (ibidem, p. 77).

Ou seja, a significação é um ato que tem lugar (e só pode ocorrer) numa rede intersubjetiva entendida como uma estrutura de relações sociais e institucionais dentro de um processo histórico (JOVCHELOVITCH, op. cit., p. 78), o que mostra não haver “possibilidade de formação simbólica fora de uma rede de significados já constituídos” (*idem*, 2000, p. 78); ou ainda, que há inúmeras possibilidades de novas significações, de acordo com o lugar em que o indivíduo se insere na sociedade e da extensão da rede intersubjetiva constituída. Assim, para os proprietários de segunda residência em Gravatá a casa é representada de formas diversas como sendo: “Um refúgio para a reunião da família, dos filhos (entrevistado n.º. 30).” “Um descanso e minha aposentadoria” (entrevistada n.º. 31). “Uma conquista” (entrevistada n.º. 32).

É um espaço aconchegante, pra sair do dia-a-dia, da rotina; é um espaço aconchegante, faço dela um espaço acolhedor. A gente procura botar lá tudo o que a gente gosta: um bom som, eu e meu marido a gente assiste muito filme, toma um bom vinho, ali a cidade é pitoresca, então é um relax, ela é a quebra da rotina (entrevistada n.º 23).

A casa, aqui entendida como segunda residência, é uma das categorias sociológicas fundamentais para o entendimento das relações entre as práticas de lazer no espaço em que sobressaem as referências a um mundo rural eventualmente idealizado e o estilo de vida de classe média na sociedade contemporânea (Cf. HAZIN, 2007).

Diz Da Matta (1991) que o simbolismo da casa e pela casa é extenso na sociedade brasileira. Para ele, o espaço da casa somente se define e se deixa apanhar ideologicamente, com precisão, quando em contraste ou em oposição a outros espaços e domínios. Gilberto Freyre, por exemplo, o relacionou à senzala e aos mocambos.

Neste estudo, a casa como segunda residência muitas vezes tem qualidades atribuídas ao meio rural ou ao município de Gravatá, no qual está localizada. Acontece, nesse caso, aquilo que Louis Dumont (*apud* Da MATTA, *op. cit.*, p. 19) chama de “englobamento, operação lógica em que um elemento é capaz de totalizar o outro em certas situações específicas.”

Esse “englobamento” pode ser identificado em um trecho de entrevista em que a pessoa fala sobre o que a casa, em Gravatá, significa para ela.

Primeiro a gente desfez a casa e construiu de novo: a gente construiu, plantou, botou flores. O clima é ótimo em Gravatá; é um lugar em que a gente relaxa, pensa, anda, caminha, pesca; tem um açude com peixes, eu estudo, eu fiz meu mestrado estudando o tempo inteiro lá. A casa tem um primeiro andar e eu subia. Pronto. O mundo ficava lá fora e eu lá. Então, é um lugar de paz, e Gravatá tem tudo, a cidade de Gravatá tem tudo que preciso (entrevistada n.º.18).

Uma casa, em geral, retrata o modo de vida e a personalidade de quem a habita. Para Certeau e Giard (2003, p. 204), “*indiscreto, o habitat confessa sem disfarce o nível de renda e as ambições sociais de seus ocupantes. Tudo nele fala sempre e muito: sua situação na cidade, a arquitetura do imóvel, a disposição das peças, o equipamento de conforto, o estado de manutenção*”.

Essa casa significa muito pra gente, até porque quando a gente a comprou ela era muito pequena e aí a gente juntou um dinheiro, a gente fez uma reforma, era uma casinha pequena, agora é uma casa grande, tá dando muito mais conforto pras nossas filhas, pra gente, nossos parentes, nossos amigos, porque a gente procura tá levando alguém pra curtir, pra conhecer [...] (entrevistada n.º.10).

Desse fragmento de entrevista pode-se inferir algumas representações da segunda residência: é um projeto que foi gestado com certa dificuldade, constituindo o lugar da família, da afetividade, da realização de si, mas também, um investimento de capital econômico e social.

Deve-se ressaltar, entretanto, que embora percebendo esse sentido de distinção social e econômica na significação da casa, nas entrevistas, o peso mais forte, pelo fato de a casa estar instalada em um ambiente freqüentemente associado ao modo de vida rural – que permite aos agentes desembaraçarem-se de seus rituais de papéis sociais de classe urbanos – é o da sociabilidade e dos valores individuais e humanos.

A casa para alguns tem o significado de lazer, no sentido de liberdade de escolha do que fazer, e de integração.

Olha, a casa em si para mim é lazer. Casa igual a lazer. É eu poder chegar lá não ter um computador, querendo que eu vá trabalhar, não ter telefonemas, porque quando me telefonam eu digo que não posso atender, eu estou em Gravatá, então para mim foi, sobretudo, lazer. Eu ficando em casa, (no Recife) eu trabalhava de domingo a domingo. A casa (em Gravatá) está servindo para um ponto de reunião: a avó, os filhos, os

Segunda residência: representação de um estilo de vida e de lazer

Ana Lucia Hazin

netos. Isso é bom. Ah, os amigos sempre chegam por lá. Chegam à hora que querem, saem à hora que querem. (entrevistada n.3).

A tabela que se apresenta a seguir permite visualizar o que a casa representa para os seus proprietários. Como em alguns casos os entrevistados deram vários significados à casa, o total de respostas é superior a 100%.

A gente abastada tem o cuidado de reservar na frente de sua casa uma galeria ou varanda, formada pelo teto que se prolonga além das paredes, e é sustentado por colunas de madeira. Fica-se geralmente nessas galerias e, em todas as estações, aí se respira um ar fresco, igualmente ao abrigo da chuva e do ardor solar.[...] Os jardins, sempre situados por trás das casas, são para as

Tabela 1. O que a casa representa para seus proprietários

Significado da casa para os proprietários	Percentual (%)
Lugar que congrega a família e se recebe amigos	37,0
Vida tranqüila, paz	29,6
Descanso, relaxamento	16,7
Válvula de escape da rotina, da cidade	11,1
Refúgio, retiro	7,4
Conquista, realização	3,7
Liberdade	3,7
Lugar para morar quando se aposentar	3,7
Aconchego	3,7
Reconstrução de vida	1,9

Fonte: coleta direta, 2005

Segunda
residência:
representação
de um estilo de
vida e de lazer

Ana Lucia Hazin

Pode-se dizer, tomando como base os depoimentos dos entrevistados, que a casa em Gravatá é representada como um lugar de vida. Um lugar onde ocorre a conjunção do natural e do social e cuja importância pode ser percebida através do estar junto. Nesse sentido, é pertinente ressaltar dois espaços especialmente significativos na casa: o terraço e o jardim.

O terraço se mostra essencialmente como o lugar dos encontros, da sociabilidade. É nele que se reúnem as pessoas da família, os vizinhos, os amigos; é onde os moradores e visitantes podem se balançar em uma rede, jogar conversa fora, enfim, conviver.

Saint-Hilaire (1975), que esteve no Brasil no século XIX, refere-se às formas de ocupação e utilização dos espaços das casas como as varandas e os jardins, que de certa forma retratavam a organização social da própria sociedade brasileira. A esse respeito, descreve Da Matta, citando Saint-Hilaire:

mulheres uma fraca compensação do seu cativo, e, como as cozinhas, são escrupulosamente interditos aos estrangeiros. (1991 p. 57)

Nos dias atuais, o processo de mudanças pelo qual vem passando a sociedade brasileira se faz acompanhar de transformações significativas nos usos dos espaços pelas pessoas, assim como de seus costumes. O acesso aos espaços de uma residência, por exemplo, já não reflete mais a situação de hierarquia e de submissão, sobretudo da mulher.

Ao contrário, a percepção do espaço da casa é de liberdade, de realização, de integração da família. O jardim pode até se localizar no fundo da casa, conforme descrito por Saint-Hilaire, mas em Gravatá é comum que ele preencha todo o entorno da casa. Para muitos, ter um jardim em casa, cuidar das plantas, ter um terraço, um espaço maior e aberto, diferente do ambiente dos apar-

tamentos no meio urbano, significa um resgate de um passado não muito distante, que traz boas recordações da infância, do tempo em que se morava em casa.

[...] o hábito, vamos dizer, de lidar com as plantas, essa coisa com a natureza [...]. Eu vim do interior, nós morávamos numa casa com jardim grande, então, mamãe sempre gostou muito e esse hábito eu já adquiri desde criança, quando via mamãe cuidar do jardim. Então, não foi um hábito assim adquirido, mas um hábito que pode [...] de fato houve uma condição de poder continuar com ele e até de incrementá-lo (entrevistada n.º 7).

A casa em condomínio

As casas dos proprietários de segunda residência em Gravatá foram aqui categorizadas como casas em condomínio e casas fora de condomínio, ou isoladas. Em ambos os tipos, a segurança é destacada nas falas dos entrevistados. A segurança pode, por um lado, significar distinção, mas também é capaz de produzir as condições de isolamento necessárias a um certo tipo de sociabilidade e liberdade individual e familiar.

As falas dos entrevistados indicam que a casa em condomínio significa, principalmente, segurança. As pessoas têm a sensação de estar protegidas, assim como seu patrimônio, pelo fato de haver empresas ou pessoas encarregadas de prestar serviços de vigilância.

A casa no condomínio significa segurança. Porque no condomínio você tem uma guarita, tem sempre um vigia, sempre tem uma pessoa de guarda; a sensação é de que você está mais segura. (entrevistada n.º 5).

Sabe-se que essa necessidade de segurança decorre, sobremaneira, da violência que atinge a todos e, de maneira mais visível, no meio urbano. As pessoas buscam, por isso, se refugiar em um lugar de paz, de tranquilidade, uma vez que a maioria dos entrevistados ainda percebe e sente Gravatá como um lugar relativamente seguro. A proximidade das casas e a convivência entre as pessoas permitem que a solidarieda-

de esteja presente em casos de necessidade, o que reforça a sensação de segurança.

Eu acho que condomínio traz mais segurança; eu me sinto mais segura, porque além de ter os empregados que fazem a vigilância, eu tenho sempre alguém, algum vizinho, porque, se acontecer alguma coisa alguém pode socorrer. E numa casa separada é complicado. E eu já vivenciei isso e sei que não é bom. (entrevistada n.º 39).

Nos *privés* ou condomínios, a área é delimitada e há, quase sempre, uma guarita que controla a entrada das pessoas. Embora para Baudrillard a segunda residência seja indicativa de uma segregação no *habitat*, uma demarcação social dos espaços (MELO, p. 140), os seus proprietários se percebem como "iguais" o que de certa forma, permite que se tenha um ambiente mais propício à convivência.

No condomínio você tem uma liberdade dentro porque a estrutura é maior e isolada [...]. Porque quem tá lá no condomínio já se conhece: um vai pra casa do outro, um faz um churrasco, o outro faz uma coisa à noite, então a convivência é próxima (entrevistada n.º 17).

Os entrevistados também destacam a importância do convívio com as pessoas e da relação de vizinhança, uma vez que a verticalização das construções residenciais nas sociedades modernas, aliada a outros fatores sociais e econômicos, vem enfraquecendo ou mesmo anulando esse tipo de relação.

A gente está buscando o que era Recife no passado, uma vez que a gente não pode conviver com vizinhos, não visita o vizinho, não tem mais amizade com ninguém, todo mundo com medo de todo mundo, lá a gente está tentando ver se resgata esse passado de vizinho, de cadeira na calçada [...](entrevistada n.º 37).

O lazer em Gravatá é a partilha com vizinhos e aqui, no meio urbano (do Recife) não existe isso, não é? Aqui onde eu moro, no prédio onde moro, eu não divido meu lazer com os vizinhos. Porque nós temos assim, vidas individuais, pro-

Segunda residência: representação de um estilo de vida e de lazer

Ana Lucia Hazin

jetos individuais. E lá não, lá o projeto é coletivo (entrevistada n.º 5).

Há, portanto, também, a referência à partilha, à sociabilidade, ao viver em comunidade, ao resgate da vida tranqüila, da cadeira na calçada, de valores, comportamentos e atitudes que fazem parte de um tempo passado que traz boas recordações e que as pessoas tentam revivê-lo em Gravatá. Embora, muitas vezes, as referências à casa e ao condomínio se confundam, o que se percebe é que a casa em si é referenciada mais como o lugar de reunião, sobretudo, da família. A casa no condomínio parece envolver por sua vez, uma maior amplitude que rebate no estabelecimento e ampliação dos laços e do convívio com os vizinhos.

[...] o intuito de nossa casa foi mais pra gente, pra família. Então eu acho que a gente não tem muitos amigos que frequentem, porque aquilo ali foi um investimento, não foi barato, uma coisa cara, que a gente teve com muito sacrifício, que a gente batalha pra ter [...]. Amigos só de vez em quando (entrevistada n.º 4).

No condomínio é o lugar em que você tem a parte de socialização maior, contatos mais íntimos com as pessoas, porque praticamente as pessoas vivem com você ali (entrevistada n.º 33).

Um aspecto a ser ressaltado é que a racionalidade, a praticidade e o cálculo estão mediando o discurso sobre a casa no condomínio. Este, além de ser um lugar onde as pessoas sentem-se seguras, é também um espaço que oferece uma série de serviços que custam menos, pelo fato de serem coletivos.

[...] dentro de privê, [...] eu tenho toda uma estrutura. Fica mais fácil pra mim. Nós temos cozinha, temos arrumadeira; dentro do próprio privê eu tenho sauna, tem duas piscinas e isso aí não me leva a fazer nenhum tipo de manutenção, porque eu não sei bater um prego dentro de casa, uma lâmpada, eu não troco [...] lá eu tenho toda essa estrutura. E o que é mais importante, é a segurança. Agora, o que é que ocorre: eu sou de classe média e a classe média nesses últimos anos teve

realmente uma queda muito grande em valores financeiros e uma casa fora, além de não me dar esse conforto, dá uma despesa. Porque, se você quiser ter um lazer com segurança, você tem que ter uma eficiente tropa de combate, não só de segurança, como também de caseiros (entrevistado n.º 41).

Não se pode afirmar, no entanto, que estes depoimentos expressem a percepção de todos os entrevistados proprietários de segunda residência, já que alguns deles têm casas que não fazem parte de *privê*, ou, condomínio. É, portanto, pertinente neste momento da análise expor a percepção desses proprietários em relação ao porquê da não escolha de uma casa em condomínio. Dentre os motivos citados destacam-se:

a) O desejo de ter liberdade dentro de seu espaço.

Por que uma casa fora de condomínio? Porque condomínio tem que ter regras. Não é que eu seja contra obedecer às regras. Eu queria ter liberdade dentro de meu espaço. Num condomínio eu não ia poder criar meus bichos; eu não ia ter oportunidade porque eu ia incomodar meus vizinhos. Eu nem queria incomodar meus vizinhos, nem tampouco ser incomodada. Então dentro do loteamento eu muro e dentro do meu muro eu posso ter mais liberdade sem incomodar meus vizinhos. É uma liberdade que num condomínio você certamente não tem (entrevistada n.º 13).

b) A percepção de que nas casas em condomínio não se tem privacidade.

Quando a gente comprou o terreno, a gente conseguiu um preço muito interessante e na época, há mais de quinze anos, não se tinha muita proliferação de condomínios não. Eram pouquíssimos os condomínios. A questão da privacidade, a gente não tem em casas de condomínio (entrevistada n.º 24).

Em condomínio você tem que viver em coletividade. E o vizinho está na piscina, querendo ouvir um som alto [...] e na casa da gente não, é super isolada fica de frente pra um açudezinho, que é um projeto de uma praça e tem casa

dos três lados, todas isoladas e isso também ajudou a gente a escolher essa área. Pra mim (essa casa) é o descanso e minha aposentadoria. Eu costumo dizer que quando eu me aposentar vou morar (entrevistada n.º 31).

c) A possibilidade de estar em contato mais próximo com a natureza.

Desde criança sempre gostei muito do interior. Mas aí, tive oportunidade de conhecer a cidade de Gravatá. Um clima muito agradável e fiquei com aquilo em mente: um dia quando eu puder, eu vou ter um espaço ali pra desfrutar essa natureza legal. [...] Aí com o passar do tempo tive oportunidade de comprar dois terrenos, depois comprei mais um terreno e construí uma casa em Gravatá. E, até hoje, graças a Deus, estou cada vez mais apaixonado. (A casa) significa relax, liberdade, desobrigação mesmo com o dia-a-dia, com a rotina, que já é bastante exaustiva [...]. Então essa casa de Gravatá tem o sentido de relax mesmo: de reunir amigos, curtir o clima, andar a cavalo, e curtir mesmo a natureza (entrevistado n.º 29).

Os trechos de depoimentos de alguns entrevistados proprietários de segunda residência em Gravatá, mas não localizadas em *privés* ou condomínios, permitem compreender o motivo da escolha do local da segunda residência. Há a percepção de que morar em um condomínio é estar sujeito a regras que muitas vezes estão na contramão daquilo que eles gostam como, por exemplo, criar animais. A idéia de liberdade é destacada no sentido de fazer o que se deseja sem incomodar ninguém, nem ser incomodado ou tolhido na realização de seus desejos.

Observa-se que, quer se trate da posse de uma segunda residência em condomínio, ou, em *privé*, é notória a sociabilidade que o ambiente de Gravatá permite, uma vez que, nas cidades maiores “a superposição de carências tem levado a uma degradação dos padrões de sociabilidade, a um aumento da conflitividade e da violência [...] a uma cultura de medo generalizado que se transformou num dos princípios organizadores das cida-

des contemporâneas” (AMENDOLA, 2000, apud CARVALHO, 2005).

Esse é o principal motivo que faz com que as pessoas, que possuem casas em Gravatá, sintam-se mais felizes, tranqüilas e relaxadas, quando lá estão usufruindo o aconchego do lugar que prepararam para congregar a família e receber os amigos mais próximos.

Conclusão

O fato de a segunda residência estar afastada de aglomerados urbanos de elevada densidade populacional permite aos agentes desembaraçarem-se de papéis sociais de classe, comumente assumidos nas grandes cidades, propiciando a liberdade de poder ficar mais à vontade, sem os controles rígidos do ambiente de trabalho. Evidencia-se, então, o significado maior da sociabilidade, em combinação com os valores individuais e humanos que, para muitos faz parte de um passado que recordam com certa nostalgia e que procuram resgatar atualizando esses valores e partilhando-os com a família.

Nesse contexto, a casa é representada como lugar de encontros, da família, dos amigos. Por isso, o investimento em capital social no fortalecimento das redes de relações, sedimentadas, por exemplo, nas diversas reuniões com a família e os amigos, no terraço da casa, ou nos espaços de convivência dos condomínios, onde as pessoas se encontram para “brincar”, jogar, ou, simplesmente, “jogar conversa fora”. Também, fazem parte desses momentos de convívio, e de lazer, caminhadas para se admirar o campo, sua vegetação que aguça a curiosidade de conhecer o que não é familiar, realizar passeios de bicicleta com a família, fazer cavalgadas, entre tantas outras práticas citadas.

Esses motivos parecem justificar a nítida separação que os entrevistados estabelecem entre espaço e tempo de relações sociais, que são mais ritualizadas no espaço urbano e no espaço de trabalho, enquanto que se expressam de forma mais espontânea, livres de pressões sociais ligadas ao *habitus* de classe, no espaço onde se materializam as atividades de lazer.

Segunda
residência:
representação
de um estilo de
vida e de lazer

Ana Lucia Hazin

Nesse ambiente, os hábitos que encontram condições positivas socialmente gratificantes em sua concretização podem dar lugar ao que comumente se denomina "paixão". Isso pode explicar, por exemplo, a paixão maior ou menor de alguns proprietários de segunda residência pela casa de Gravatá.

Não se trata, nesse caso, da casa em si, mas do que ela representa para cada proprietário individualmente, e para sua família. Em alguns casos ela resulta da atualização de valores incorporados, mas que os agentes não tinham até então, a possibilidade de concretizá-los.

Segunda
residência:
representação
de um estilo de
vida e de lazer

Ana Lucia Hazin

Notas

¹ Esse estudo faz parte da tese de doutorado da autora, intitulada: Estilo de vida e sociabilidade: relações entre espaço, percepções e práticas de lazer na sociedade contemporânea. Um estudo de caso em Gravatá, no agreste de Pernambuco.

² O código é aquilo que faz com que diferentes agentes estejam de acordo sobre fórmulas universais, porque formais, no duplo sentido do formal inglês, ou seja, oficial, público, e do formal francês, ou seja, relativo somente à forma (BOURDIEU, 2004, p. 85).

Referências Bibliográficas

- AMENDOLA, G. *La ciudad posmoderna. Magia y miedo de la metropolis contemporanea*. Madrid: Ediciones Celeste, 2000.
- BOURDIEU, P. "Gostos de classe e estilos de vida". In: ORTIZ, R.(Org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Éditions de Minuit, 1979/2002.
- _____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CERTEAU, M. DE; GIARD, L. MAYOL, P. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DA MATTA, R. *A casa & a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- HAZIN, A. L. *Estilo de vida e sociabilidade: relações entre espaço, percepções e práticas de lazer na sociedade contemporânea. Um estudo de caso em Gravatá, Pernambuco. 2007*. Tese (Doutorado em Sociologia). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007.
- INDA, A. G. "Introduction. La razón del derecho: entre *habitus* y campo". In: *Poder, derecho y clases sociales*. Bilbao: Desclée, 2001
- JOVCHELOVITCH, S. *Representações sociais e estera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MELO, H. B. *A cultura do simulacro: filosofia e modernidade em J.Baudrillard*. São Paulo: Loyola, 1988.

**Segunda
 residência:
 representação
 de um estilo de
 vida e de lazer**

Ana Lucia Hazin